

ENSINO DE ARTES: DIFICULDADES, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS

Júlia Maria de Jesus Cunha

RESUMO:

Este trabalho apresenta um relato histórico sobre a trajetória do ensino de artes nas escolas brasileiras e suas respectivas alterações em documentos oficiais. Além de propor a reflexão sobre o processo e concepções do ensino de artes, também é abordada a importância do referido ensino na vida do educando e a problemática que envolve a atuação de alguns professores em sala de aula. Finaliza apontando sugestões a fim de superar o desafio de ensinar artes atualmente e relatando uma experiência vivenciada na brinquedoteca da Faculdade Litoral Sul Paulista.

Palavras chaves: ensino de artes, educação, brinquedoteca.

ABSTRACT:

This paper presents a historical account about the history of arts education in Brazilian schools and their changes in official documents. Besides proposing a reflection on the process of teaching and conceptions of art, is also addressed the importance of such education in the life of the student and the issues surrounding the performance of some teachers in the classroom. Finally, it indicates suggestions to overcome the challenge of teaching arts and currently reporting an experience in the playroom of the Faculdade Litoral Sul Paulista.

Keywords: teaching arts, education, playroom.

Introdução

O ensino de artes nas escolas brasileiras é um tema muito complexo, pois embora haja no currículo um significativo reconhecimento de sua importância no processo ensino e aprendizagem, há inúmeras questões impeditivas para sua efetivação de maneira ampla e contextualizada em sala de aula.

É notória a insegurança de alguns professores em trabalhar conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes, em sua amplitude, englobando Artes Visuais,

Teatro, Música e dança. Entre os fatores, são questionadas lacunas na formação acadêmica e falta de especialização em áreas tão distintas.

Geralmente, devido a essa problemática, ainda hoje as aulas de Arte não ultrapassam os cadernos e, conseqüentemente, são reproduzidos modelos tradicionais, onde a experimentação de diferentes modalidades de conteúdos de Arte, tão relevantes para a formação humana, é deixada de lado.

A constituição deste trabalho visa responder alguns questionamentos atualmente levantados e que servem como orientação e reflexão sobre a Arte na Educação, sendo eles:

- É possível que o professor sem uma especialização em Artes desenvolva no aluno a competência estética e artística em suas diversas modalidades?

- De que modo o Educador pode tornar as aulas de Arte prazerosa e significativa na formação do aluno?

- Há possibilidades criativas de garantir a experimentação da Arte acessível a todos, superando a falta de recursos materiais ou infraestrutura adequada?

Tais indagações não tem a finalidade de promover apenas uma análise sob uma perspectiva crítica, encarando as aulas de Artes como um problema para o educador, mas sim como um desafio a ser superado.

O objetivo deste trabalho é proporcionar reflexão sobre a existência de possibilidades artísticas que, de fato, podem ser exploradas, a fim de levar o aluno a lançar um novo olhar, tanto para as aulas de Artes, como para a arte da vida.

Para compreender melhor o processo do ensino de Arte nas escolas brasileiras, o presente trabalho estrutura-se da seguinte maneira: após uma reflexão sobre a experiência e o saber da experiência de Jorge Larrosa, serão abordados os seguintes temas: “O processo do ensino de Artes nas escolas brasileiras”, fundamental para compreender o ensino de artes atualmente; “A Arte e a Legislação”, em que são questionados os ramos na LDB, a problemática da falta de especialização dos docentes e a falta de especificidade dos conteúdos nos PCNs ; “Professor: Ensinar X Aprender Arte”, em que aborda os desafios deste ensino; “Refletindo sobre a Arte” composto por definições, conceitos e a finalidade do ensino de artes, e finalizando com

“A Arte na Brinquedoteca”, que irá relatar a experiência prazerosa de fazer arte neste espaço lúdico.

1. A experiência, o saber da experiência e a arte

Jorge Larrosa Bondía, doutor em pedagogia pela Universidade de Barcelona, na Espanha, onde atualmente é professor titular de Filosofia da Educação, propõe em seu artigo: “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, a reflexão sobre o pensar educação sob a perspectiva *experiência/sentido*.

Em seu artigo o autor enfatiza sobre sua preocupação com o verdadeiro sentido ou significado das palavras, pois é por meio delas que pensamos, ela está intimamente ligada ao modo como nos colocamos diante de nós mesmos, dos outros e do mundo em que vivemos.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2002. p.21)

Na educação, ou qualquer outro lugar, ao fazermos nomeações, não são envolvidas somente definições terminológicas, pois em tais nomeações sempre está contida alguns significados, que podem representar controle por imposições, silenciamento ou desativação de outras palavras.

No processo histórico do ensino de artes nas escolas brasileiras ocorreram tais mudanças terminológicas, em que diferentes nomenclaturas foram utilizadas para designar o campo do saber articulado entre *arte e ensino*.

Tais nomeações sempre estiveram vinculadas às concepções sobre a educação, abordagens pedagógicas e a relevância do ensino de artes presentes em determinados momentos da história.

Essa área do conhecimento, que atualmente denomina-se Artes, iniciou-se com a proposta “Educação Através da Arte”, difundida no Brasil em 1948 a partir das ideias do filósofo

inglês Hebert Read. Tal proposta era um movimento educativo e cultural dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. No currículo escolar, inicialmente foi utilizada a denominação “*Educação Artística*” pela Lei 5692/71, que propunha uma valorização da tecnicidade e profissionalismo, dentro de uma lei com concepções tecnicistas. Em oposição ao pensamento de um ensino voltado para a profissionalização, no final da década de 70 constituiu-se um movimento chamado “*Arte-Educação*”, fundamentado pelas ideias da “Escola Nova” e da Educação Através da Arte, caracterizado pelo posicionamento idealista. (FUSARI; FERRAZ, 2001, p.19)

Sobre a palavra *experiência*, Larrosa conclui que é algo que “nos passa, nos acontece e nos toca”. É importante que o educador, ao planejar suas aulas de Artes, envolva os alunos nessa experiência, no sentido verdadeiro da palavra, que não apenas passe e aconteça, mas que definitivamente tenha valor à criança e que a toque significativamente, formando-a e transformando-a.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE, 1997, p. 19)

Ao manifestar-se artisticamente, a criança constrói sua identidade e autoestima, trabalha liberando seus sentimentos e tensões, e aprimora suas percepções, fatores estes que influenciarão positivamente na aprendizagem, na sua relação com o eu, com o outro e com o mundo.

Por estarmos inseridos na era da informação, a *experiência* tem se tornado cada vez mais escassa, pois a informação transforma-se em opinião pessoal e crítica sobre tudo o que se passa, anulando toda a possibilidade de vivenciar a experiência.

No que se refere às informações e conteúdos, os PCNs orientam que se trabalhe com os produtos da comunidade na qual a escola está inserida e também que se introduzam informações da produção social, a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado.

A escola tem uma rica oportunidade de trazer essas informações e contextualizá-las com as demais áreas do conhecimento, ampliando a visão do aluno, principalmente no que diz respeito à arte, em que o aluno pode e deve expor sua opinião sobre o objeto estudado, porém, nunca deixando de apreciá-lo.

Os elementos estéticos presentes na sociedade trazem significados diversos para diferentes pessoas. As pessoas de um modo geral respaldam suas opiniões de acordo com sua subjetividade, por não notarem o real significado que os elementos trazem. A partir disso, deixam de vivenciar o significado e a experiência do apreciar, criticar e analisar, confundindo o “eu não entendo” com o “eu não gosto”.

O incentivo à curiosidade pela manifestação artística de diferentes culturas, por suas crenças, usos e costumes, pode despertar no aluno o interesse por valores diferentes dos seus, promovendo o respeito e o reconhecimento dessas distinções; ressalta-se assim a pertinência intrínseca de cada grupo e de seu conjunto de valores, possibilitando ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE, 1997, p. 37)

2. A trajetória do ensino de artes no brasil

O ensino de Artes no Brasil sofreu mudanças em todo seu processo, desde o século XX até os dias atuais. A forma como foi sendo ensinada e as modificações no currículo estão atreladas às tendências teóricas vigentes em cada período.

Além do conhecimento sobre o que é ensinar Artes e como efetivar o ensino na escola, é fundamental que o professor compreenda suas responsabilidades por meio do conhecimento e reflexão sobre o processo do ensino de Artes, tema abordado neste capítulo.

Ao refletir sobre essa área ao longo da história, é possível repensar e reconstruir sua prática, rompendo com paradigmas tradicionais e concepções que não proporcionam uma aprendizagem significativa.

Considerando a subjetividade que envolve uma análise, esta deve ser realizada sob uma perspectiva crítica e sensível por parte do educador, para que este possa se reconhecer na construção histórica, refletindo sobre a importância do ensino atualmente, em que cada vez mais é valorizado o sujeito inovador e criativo na sociedade.

2.1 breve resgate histórico

Dentre as diferentes concepções metodológicas que influenciaram tal ensino, Zagonel (2008, p. 48) destaca as principais grandes correntes que demarcaram em diferentes períodos e suas respectivas visões:

No primeiro momento, o ensino de Artes foi marcado pela concepção Tradicionalista, com raízes no século XIX e que percorreu todo o século XX.

Neste período, seu estudo não era regulamentado nas escolas e o ensino baseava-se em três disciplinas independentes: Desenho, Trabalhos Manuais, e Música.

A intenção do ensino neste período era meramente técnico, baseado em exercícios de cópia, representando modelos presentes em manuais e livros didáticos.

A escola tradicional valorizava os “dons artísticos” e não a expressão artística, e tinha a pretensão de desenvolver habilidades como: artesanato; prendas domésticas; a precisão e conservar hábitos de organização, revelando uma visão utilitarista e imediatista da arte.

O teatro e a dança faziam parte apenas das festividades, como por exemplo, Dia da Independência, Natal, Páscoa, e festas de final de período, o que, infelizmente, ainda comumente ocorre na maioria das instituições, e as aulas de música voltavam-se apenas para o aprendizado teórico.

Na década de 20 começou um importante movimento no Brasil denominado Escola Nova, em que ocorreram reformas educacionais, paralelamente ao ensino oficial, sendo divulgado efetivamente com a divulgação do Manifesto da Escola Nova em 1932.

Tal movimento teve a participação de grandes educadores e reivindicava o mesmo tipo de educação a todos e igualdade de oportunidades.

Em 1930, foram criadas as primeiras escolas especializadas em arte para crianças e adolescentes, no entanto, na maioria das escolas o ensino ainda continuava com a concepção tradicional.

Nas escolas especializadas, a aprendizagem era livre e de expressão criativa, sendo contrária ao ensino oficial de artes instituído no período do Estado Novo, que valorizava desenhos geométricos e cópia de estampas a fim de adequar a formação artística aos padrões vigentes.

No Governo de Getúlio Vargas, a ideia de trabalhar Arte na escola com a finalidade da livre expressão foi suspensa. Nesse momento, na década de 30, o ensino de Música é evidenciado e torna-se obrigatório.

O canto orfeônico foi incorporado ao ensino e sendo desenvolvido nas escolas, o método do coral composto por um forte pensamento nacionalista como forma de despertar o sentimento cívico e patriota nos estudantes.

Devido à falta de preparação dos professores, o ensino era desvirtuado, monótono e inadequado.

A partir de 1945, volta-se a pensar no ensino de Artes na escola. Em 1948, foi criada a Escolinha de Artes do Brasil no Rio de Janeiro com o ensino voltado principalmente para as crianças. Logo após, outras foram surgindo e foram-se espalhando pelo Brasil as ideias de uma nova metodologia voltada para criatividade e livre-expressão.

O canto orfeônico foi substituído pela Educação Musical com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961, em que havia uma preocupação em desenvolver no aluno uma formação global.

O aluno, nesse momento, passa a ser visto como agente participativo do processo ensino-aprendizagem. Os métodos ativos estimulam a percepção e a escuta, contrapondo-se ao ensino técnico para tocar um instrumento.

Ainda entre os anos 60 e 70, foi sendo introduzida no Brasil a pedagogia liberal tecnicista, que tinha como principal interesse produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho.

Em 1971, entra em vigor a Lei 5.692, com caráter essencialmente tecnicista, Disciplinas como Filosofia e História foram extraídas do currículo escolar, e a disciplina Educação Artística era a única matéria que dava abertura ao lado mais humano e criativo do aluno.

A Lei estabelecia conteúdos englobando modalidades como: Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança. No entanto, houve divergências devido à falta de formação especializada nessas diversas modalidades.

As escolinhas de Arte tinham professores bem qualificados, porém, eles não podiam lecionar devido à falta do diploma em nível superior exigido.

A solução encontrada pelo governo foi abrir emergencialmente cursos de Licenciatura em Educação Artística com curta duração. Tal medida resultou no declínio das aulas de artes, pois o curso de apenas dois anos tinha o currículo generalizado de todas as modalidades artísticas, e ainda, a Educação Artística incluída no currículo era considerada “atividade educativa” e não disciplina.

Ana Mae Barbosa comenta, em um de seus artigos intitulado Arte-Educação no Brasil (p.181), que nessa fase os professores de Arte até conseguiam seus diplomas, mas eles eram incapazes de prover uma educação artística e estética que fornecesse informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como auto expressão.

Nesse momento de iniciação das aulas nomeadas como Educação Artística, ocorreram muitos conflitos em relação à formação do professor, e também divergências na relação teoria e prática.

O ensino aprendizagem estava atrelado a ideias ora tradicionais e tecnicistas, ora escolanovistas, e os professores eram obrigados a atuar em todas as modalidades artísticas independente da formação e habitação.

Os professores sentiam-se incapacitados diante do ensino, e ao mesmo tempo o aprofundamento e conhecimento por parte do professor não era prioridade e não faziam parte das decisões curriculares na década de 70.

No entanto, foi um momento essencial, pois os resultados obtidos com o conflito existente nessa fase foram promissores, conforme ressaltam os PCNs de Artes,

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. [...] Para agravar a situação, durante os anos 70-80, tratou-se dessa formação de maneira indefinida: "... não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses". (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE, 1997, p. 24).

Ocorreu o despertar da consciência sobre a importância do ensino da Artes na escola e iniciaram-se várias discussões sobre as linhas pedagógicas.

A Arte foi sendo vista como um meio de educação e, nos anos 80, as ideias e princípios do movimento Arte-Educação se multiplicaram no País.

O movimento promoveu diversos encontros e eventos a fim de rever e propor novos andamentos ao ensino. Uma das manifestações foi um protesto contrário à retirada da obrigatoriedade da área no ensino básico nas escolas, que estaria presente em uma das versões da LDB, que seria sancionada em 20 de dezembro de 1996.

A Lei nº 9.394/96 revogou as disposições anteriores e a arte é considerada como componente curricular obrigatório na educação básica. A referida lei substituiu o termo Educação Artística por ensino de artes.

Atualmente, há o reconhecimento do valor ensino de Artes na formação do indivíduo, pois a Arte faz parte da vida humana em todos os aspectos. Nesse sentido, seu ensino é obrigatório nas escolas brasileiras, abrangendo-as com as possibilidades e interesses, conforme sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Por mais que a Arte, em seu processo histórico, tenha sido atrelada a diferentes concepções de ensino, que a encaravam de diversas formas, influenciando na prática dos docentes, a concepção que atualmente vem sendo difundida e incorporada por muitos professores é a que se baseia na Abordagem Triangular, que no Brasil foi trazido pela Arte-Educadora Ana Mae Barbosa.

Essa concepção surgiu a partir da década de 80, e vem sendo utilizada pelo Ministério da Educação, que a incorporou em documentos oficiais como sistematização metodológica em acervos complementares para professores. O MEC define as obras que compõem o acervo como um meio facilitador e estimulador do ensinar e aprender Arte.

A Abordagem Triangular concebe o ensino da Arte sobre três eixos que são articulados entre si, tratados da mesma forma em grau de importância, sem priorizar um em detrimento do outro. Sendo eles: o ler (leitura do texto artístico/estético), o contextualizar (contextualização histórica, cultural, estética, etc.) e o fazer artístico (produção artística, construção da expressão pessoal e/ou coletiva dos/as estudantes).

Nessa abordagem, também estão incorporados princípios como a multiculturalidade/interculturalidade - considerando como objeto de estudo obras/manifestações de diferentes culturas, etnias, tendências estéticas, localidades e suas conexões ou interações - e a interdisciplinaridade, que leva em consideração a necessidade de articulação entre o conhecimento em Arte com os de outros componentes do currículo. (ACERVOS COMPLEMENTARES: AS ÁREAS DO CONHECIMENTO NOS DOIS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2009, p.49).

2.2 a arte e a legislação atual

O ensino de Artes é componente curricular obrigatório desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e seu ensino está garantido na Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, determinando no artigo 26, § 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

No artigo 26-A, a Lei torna obrigatório no ensino fundamental e médio o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003) e será obrigatório em todo o currículo incluindo em especial a disciplina de Artes.

No artigo 36, em relação ao ensino médio é destacada a compreensão das artes, o processo histórico da formação da sociedade e da cultura.

Em 2008, foi publicada uma nova ementa sobre o ensino de Música no currículo escolar, decretada e sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O artigo 26 passa então a vigorar acrescido do § 6º, que regulamenta a música como conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular.

A referida alteração entrou em vigor na data de sua publicação, e exigiu que os sistemas de ensino se adaptassem no período de três anos letivos.

A LDB promoveu avanços no sentido do reconhecimento e obrigatoriedade do ensino de Artes nas escolas, no entanto, há flexibilidade no sentido de não exigir que sejam trabalhadas todas as modalidades artísticas, o que de fato acontece, tendo o educando, na maioria das vezes, acesso a uma somente.

Altasi (2009) comenta sobre as alterações que ocorreram na Legislação, mencionando o quanto é perceptível a atenção que foi dada a essa área com a publicação e sanção de Decretos, Ementas e Leis, e ainda ressalta a necessidade da reflexão sobre o que é o ensino de música, o que é o ensino das artes plásticas, do teatro e da dança na Educação Básica e como desenvolver essas linguagens artísticas.

Para auxiliar o professor na efetivação do ensino de Artes nas escolas, conforme as exigências da Lei, há uma sistematização metodológica fundamentada no Referencial Curricular para a Educação Infantil e nos Parâmetros Curriculares Nacionais que compõem a Área de Linguagens, Códigos, e suas tecnologias.

Nesses documentos, o ensino da Arte é tratado como conhecimento histórico e cultural, constituindo-se de diversas linguagens, como: as Artes Visuais (linguagem que tem a imagem fixa ou em movimento como objeto); o Teatro (cujo objeto é a ação dramática);

a Música (constituída da composição sonora – articulação entre som e silêncio) e a Dança (com o gesto e o movimento corporal como objetos). (ACERVOS COMPLEMENTARES: AS ÁREAS DO CONHECIMENTO NOS DOIS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2009, p.48).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte são meios de consulta que podem nortear o trabalho do professor, servindo como um suporte para a reflexão, que pode possibilitar mudanças qualitativas na ação do professor em sala de aula.

Kehrwald (2008), analisa a constituição dos PCNs e os considera como um avanço na dimensão do ensino da disciplina, pois a partir do momento em que ele incorpora os três eixos norteadores, como produzir, apreciar e contextualizar, o documento aponta perspectivas de trabalho e de compreensão da arte para além de atividades descoladas do contexto dos estudantes e meramente tarefas.

Esses três eixos norteadores fundamentam metodologicamente tanto o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais e, atualmente, está sendo questionado o fato dessa concepção considerada contemporânea já estar fazendo parte de documentos oficiais.

3. Refletindo sobre a arte

Com a finalidade de garantir uma aula consistente e prazerosa, além do conhecimento metodológico, é necessário sensibilidade por parte do educador sobre o que vem a ser Arte e consciência sobre a importância do ensino no desenvolvimento pessoal e social do aluno.

Atualmente mudou-se a ideia de que a criatividade é importante somente no campo da Arte, pois muitas vezes é no momento das aulas de Arte que o aluno terá a única oportunidade de desenvolvê-la primeiramente.

“Desenvolver o pensamento criativo passou a ser uma meta prioritária na preparação para o futuro, visto que os conhecimentos adquiridos hoje podem não valer nada amanhã.” (CUNHA, 2010, p.91)

Mas, afinal, será que todos tem a mesma concepção sobre a Arte?

Zagonel (2008) diz que a tarefa de tentar definir a arte gera discussões intermináveis, motivo este de não haver uma definição abrangente ou precisa o suficiente. Tal palavra costuma ser usada com diferentes significados: a arte de executar bem alguma tarefa, a arte de preparar algo ou de dominar alguma técnica, ou pode ser usada corriqueiramente e popularmente para definir quando a criança está inventando algo diferente: “Essa criança esta fazendo arte”.

Segundo a autora, a arte é estruturada a partir de códigos particulares e sua compreensão vem do hábito das pessoas em apreciá-la e dos conhecimentos adquiridos sobre ela, e as pessoas não familiarizadas com a arte têm uma propensão à cegueira ou à surdez estética.

No contexto escolar, a Arte é definida como uma forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

É certo que todo cidadão culturalmente produz ou convive com manifestações artísticas inseridas em seu meio, e, no entanto nem sempre tais obras são apreciadas, valorizadas ou caracterizadas como arte, mesmo fazendo parte de sua identidade.

Vygotsky explicitava sobre o assunto, conforme menciona Japiassu em artigo:

A representação cotidiana e habitual da criatividade não enquadra suficientemente o seu sentido científico. Quase sempre, a criatividade é concebida como propriedade privada de uns poucos eleitos (gênios, talentosos, artistas, inventores e cientistas). (VYGOTSKY apud JAPIASSU)

A falta dessa leitura artística presente no cotidiano se deve principalmente à falta de um estímulo ou despertar artístico.

Nesse aspecto, a função da escola é primordial, que por meio do conhecimento, da análise, da apreciação e do fazer arte, promove essa alfabetização estética, que possibilitará a leitura dos alunos a diferentes códigos culturais.

Ana Mae Barbosa (2003) menciona que é por meio da Arte que a pessoa desenvolve a percepção e a imaginação, aprende a realidade do meio ambiente, desenvolve a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade, que foi analisada.

De acordo com os PCNs de Artes, a área de Arte tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico como fato e necessidade de humanizar o homem histórico, brasileiro, que conhece suas características tanto particulares, tal como se mostram na criação de uma arte brasileira, quanto universais, tal como se revelam no ponto de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexplicável.

Diante das diversas definições e conceitos existentes, todas acordam basicamente que todo cidadão que desenvolve sua sensibilidade artística e estética lida melhor com suas emoções e expressões, é autoconfiante e cada vez mais preparado para fazer parte de uma sociedade que necessita de pessoas críticas, inovadoras e criativas.

4. Professor: o ensinar x aprender arte

Atualmente, muitos professores sentem-se inseguros ao planejar suas aulas de Artes, dentre os motivos estão: resquícios de uma formação escolar tradicionalista; as lacunas no aprendizado de Artes durante o curso de graduação e a falta de especialização.

Tal insegurança e a falta de experiência teórico-prática refletem na postura dos mesmos, o que acarreta em aulas que não ultrapassam os cadernos, e pouco motivadoras.

O professor que atua de maneira tradicional acredita que a cópia e a repetição são as únicas formas de fixar um modelo estabelecido e acaba se limitando a avaliar se o aluno atingiu o máximo possível do modelo original.

Alguns se acostumaram com um meio mais fácil de lecionar, fazendo uso de materiais pedagógicos compostos por desenhos e atividades prontas, prática comum nas formações em magistério até há pouco tempo atrás.

Encarar um modo diferente do aprendido para trabalhar gera um pouco de insegurança, principalmente por exigir um pouco mais de reflexão do professor sobre a prática pedagógica.

A falta de definições para trabalhar as diferentes modalidades artísticas também está presente na queixa de muitos profissionais da área, que acabam explorando mais o campo das artes visuais e deixando de lado as modalidades: teatro, música e dança.

Nesse contexto, o teatro, a música e a dança, muitas vezes acabam sendo trabalhados de forma repetida e exaustiva com o único objetivo da criança se apresentar em datas festivas.

Sobre o assunto Lins (2009) conclui que:

Hoje é grande a preocupação dos professores de Arte em fazer a integração das quatro áreas artísticas. De modo que, não se deve colocar os conteúdos no currículo de forma isolada e esperar que o aluno possa integrá-los na sua cabeça. Há grandes dificuldades em estabelecer uma relação mais aprofundada entre as linguagens artísticas, mas mesmo assim, o professor pode compreender os elementos básicos de cada área da Arte e a partir de seu conhecimento e experiência, proporcionar aos alunos o contato com outras linguagens, que não a de sua formação. Os alunos em suas vidas entram em contato com estas artes e tem suas preferências.

Além dessa problemática, há também a visão equivocada de irrelevância do referido ensino dentre as demais disciplinas que compõem o currículo escolar, disciplina esta não exigida em vestibulares e processos seletivos.

Os PCNs orientam para que a Arte faça parte de todas as disciplinas, reconhecendo sua importância como qualquer outra matéria, pois ela traz grandes benefícios aos alunos, por exemplo, a compreensão em outras áreas do conhecimento humano.

A solução para a problemática dos professores de Artes está no próprio profissional e sua postura. Primeiramente, ele deve romper a falsa ideia de que sua formação acaba quando termina a faculdade.

A formação do educador ocorre em suas experiências diárias e por meio de incessantes pesquisas, refletindo, construindo e reconstruindo sua prática, buscando suporte pedagógico necessário para sua atuação profissional.

No contexto da educação escolar, a disciplina Arte compõe o currículo compartilhado com as demais disciplinas num projeto de envolvimento individual e coletivo. O professor de Arte, junto com os demais docentes e através de um trabalho formativo e informativo, tem a possibilidade de contribuir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar. (FERRAZ, 2001, p.24)

Os PCNs de Arte não dão fórmulas prontas, mas fornecem subsídios importantes em suas orientações didáticas. Cabe ao professor desenvolver reflexão pedagógica específica para o ensino das diferentes modalidades artísticas.

Essa busca de aperfeiçoamento é essencial para garantir o direito dos alunos de experimentar tais modalidades de forma coerente e democrática.

Atualmente, a internet é uma ótima ferramenta para troca de informações e experiências entre educadores e para que professores e alunos superem a falta de acesso a obras artísticas.

Um bom exemplo de recurso tecnológico é o “Google Art Project” que disponibiliza o acesso às obras de arte e museus mais visitados do mundo em que tanto os alunos podem utilizar o site e ter a sensação de andar pelos corredores de um museu apreciando com detalhes e

alta qualidade de zoom obras renomadas, quanto os professores podem aprofundar seus conhecimentos artísticos, pois nesse site há vídeos explicativos que contam o significado e a história de cada peça.

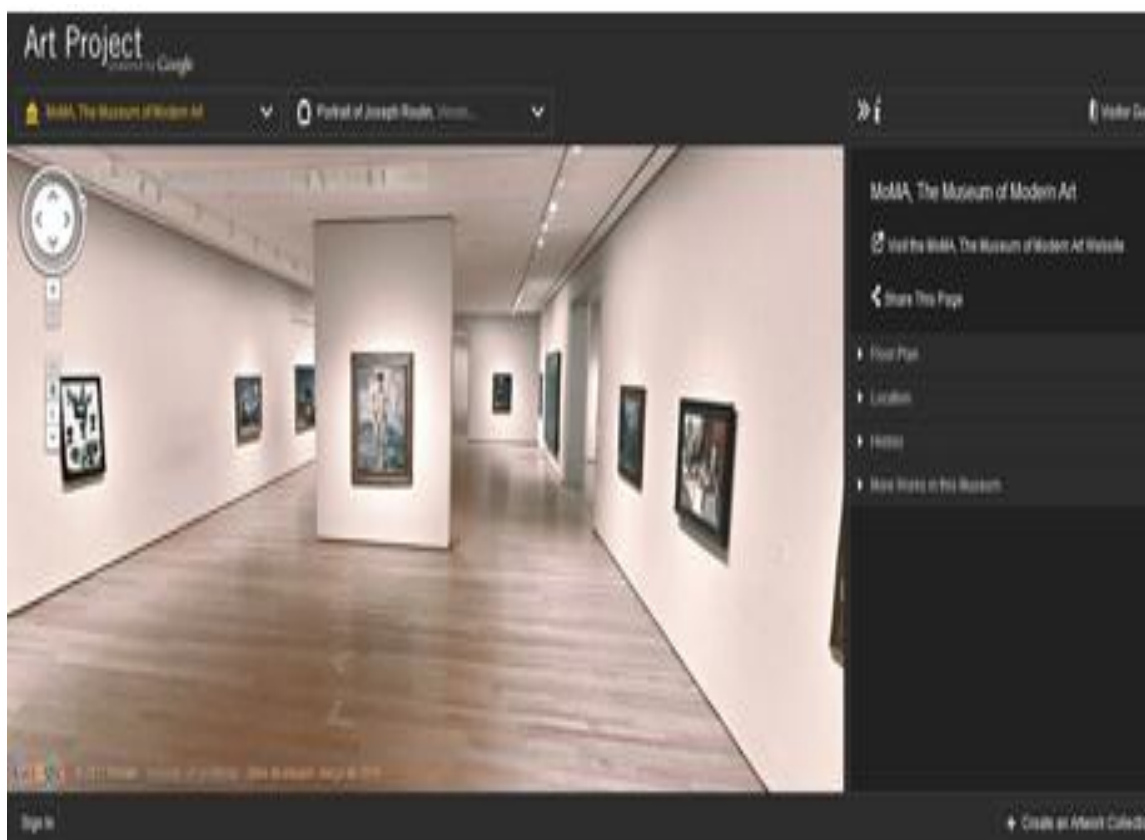


Figura 1: google art's

O referido site serve apenas como um exemplo, pois existem diversos outros meios que servem de suporte metodológico para explorar a arte, mas para isso o professor deve buscar sempre pesquisar e manter-se atualizado.

De acordo com os PCNs Artes (1997 p.72), a prática de aula é resultante da combinação de papéis que o professor pode desempenhar antes, durante e depois de cada aula:

Antes da aula, o professor desempenha os papéis de: pesquisador de fontes de informação, materiais e técnicas; apreciador de arte, escolhendo artistas a serem estudados; criador na preparação e na organização da aula e seu espaço; estudioso da arte, desenvolvendo seu conhecimento artístico; e um profissional que trabalha junto com a equipe escolar.

Durante a aula: incentivador da produção individual ou grupal; estimulador de um olhar crítico; propiciador de um clima que tenha curiosidade, constante desafio perceptivo; qualidade lúdica e alegria; inventor de formas de apreciação da arte; acolhedor de materiais, ideias e sugestões trazidos pelo aluno; formulador de destino para os trabalhos dos alunos; descobridor de propostas de trabalho para desenvolver o processo de criação, reflexão e apreciação de obras de arte; reconhecedor do ritmo pessoal dos alunos; e analisar os trabalhos junto com os alunos.

E depois da aula ele assume os respectivos papéis: articulador das aulas, uma em relação com as outras; avaliador de cada aula particular; e imaginador do que está por acontecer na continuidade do trabalho com base no conjunto de dados adquiridos na experiência das aulas anteriores.

A motivação do educador é o eixo norteador para superar os desafios deste ensino, é a motivação e o compromisso com a educação que servirão de alicerce para que este profissional desempenhe significativamente tantos papéis em sua atuação, assim, ele poderá romper os mitos que cercam o ensino de Artes.

Segundo reportagem de Santomauro á revista Nova Escola, existem três mitos pedagógicos no ensino de Arte.

O primeiro mito é sobre “reprodução e releitura”. De acordo com a autora, mostrar uma obra de arte, discutir suas características e pedir ao aluno que faça o mesmo desenho no

caderno não é propor releitura, e sim reprodução ou cópia. Na releitura o aluno, partindo de uma obra, cria uma nova, transformando e interpretando.

O segundo mito que ronda o ensino de Arte é o descrito: “Sem material, não dá”. De acordo com a autora, qualidade não é quantidade, pois um trabalho que garanta uma aprendizagem significativa para os alunos não depende da riqueza de material, mas do conteúdo, estratégia e propostas que ofereçam oportunidades de participação.

O último mito é que “a Arte estimula a criatividade”. Na verdade, a arte desenvolve a criatividade e outras habilidades, se os conteúdos são aprendidos.

O educador deve encarar as aulas de Arte como um desafio e não como um problema, ele deve romper mitos e paradigmas, assim podendo superar os obstáculos provenientes do ensino.

Pensando dessa maneira, se faltar recursos materiais, o educador irá pesquisar alternativas de promover a arte com reciclagem ou outros materiais diferentes, e caso faltar espaço físico dentro da escola, é possível explorar locais alternativos no entorno da escola ou promover visitas a espaços disponíveis, como uma brinquedoteca, por exemplo.

5. A arte na brinquedoteca

Este capítulo é dedicado a relatar a experiência vivenciada na Brinquedoteca da FALS com crianças do 5º ano da Escola Municipal Estina Campi Batista.

A realização das atividades nesse espaço teve por objetivo além de fornecer campo de estágio, propor atividades diversificadas às crianças de uma escola pública em Praia Grande/SP, que por meio de brincadeiras, jogos e atividades lúdicas conseguiram brincar adquirindo novos conhecimentos de maneira divertida e prazerosa.

A arte esteve presente em todos os planejamentos de aula de maneira interdisciplinar. Tais atividades surgiram por meio do compartilhamento de ideias entre graduandas cujo campo de pesquisa é o Letramento, o Lúdico e a Arte no contexto escolar.

Assim, foi possível confirmar a possibilidade de trabalhar a Arte em atividades de disciplinas distintas, conforme orientam o PCNs de Arte, o que valoriza o aprendizado e abre espaço para aflorar a criatividade das crianças.

Uma das aulas na brinquedoteca relatada a seguir teve como temática “O mapa do tesouro”:

O material utilizado nessa aula consistia em mapas e pistas com folhas de sulfites envelhecidas com borrifador de café; caixa do tesouro feita com a caixinha do Mc Donald’s encapada; pirulitos como tesouro; tapa olho e lenço para o cabelo feito em tecido TNT, conforme imagem a seguir:

que continham charadas com espaços a serem preenchidos e que informavam o local da próxima pista até chegar ao tesouro.



Figura 3: leitura da carta do pirata



Figura 4: decifrando a charada

Em uma aula totalmente lúdica, as crianças deixaram de serem alunos e transformaram-se em piratas, atentos e surpresos com a atividade. Ao encontrar o tesouro, o dividiram em partes iguais.

O término da aula não se deu apenas com o tesouro encontrado, mas as crianças ainda tiveram a oportunidade de aprender a arte de transformar uma simples folha de sulfite em um papel envelhecido e criar seu próprio mapa.



Figura 5: explicação de como envelhecer papel

Em um único dia e apenas duas horas foram trabalhadas disciplinas como Geografia; História; Língua Portuguesa e Artes.

Concluimos a atividade com muita alegria, ao ver os alunos retornando contentes e satisfeitos com a aula na brinquedoteca.

“A escola normalmente proporciona atividade dirigida em excesso. Ali, a criança é espectadora do professor. Na brinquedoteca, ela é o artista e os educadores são os espectadores”. (Cunha, 2010, p.83)

Considerações finais

O tema abordado nessa pesquisa era um assunto que me incomodava bastante, pois trago em minha bagagem escolar lembranças de uma área pouco experimentada, sem ultrapassar diariamente “as margens de dois centímetros” do caderno de Artes.

Ao realizar estágio curricular de observação em uma aula de Artes da escola municipal, deparei-me atualmente com a mesma situação, porém ouvindo as queixas da professora sobre seu conflito em preparar as aulas de Artes. A partir desse momento indaguei-me sobre os motivos, e se existia motivos para justificar essas dificuldades com a disciplina, o que impulsionou tal pesquisa.

Infelizmente, mesmo havendo um infinito leque de possibilidades e ideias criativas compartilhadas em sites, blogs, livros, vídeos e acervos do MEC, muitos professores ainda continuam pautando-se em equívocas concepções tradicionalistas.

A pesquisa além de agregar valor a minha formação forneceu respostas para reflexão sobre o que esta sendo refletido nessa área em algumas salas de aula e apontou que oficialmente há uma grande atenção voltada ao ensino.

A visão de um todo e não particionado sobre a Arte no contexto escolar, perpassando todas as disciplinas e o compartilhamento de ideias entre os demais professores devem fazer parte da rotina do fazer pedagógico.

Assim, para romper essa concepção e fazer a diferença, é primordial que haja motivação e inovação por parte do educador, e que se estabeleça uma relação de entrega e responsabilidade ao campo estudado com comprometimento em relação à Educação. É necessário que esse profissional tenha a consciência da sua responsabilidade social e da transformação que suas aulas poderão fazer na vida de cada educando.

Acredito positivamente que a Arte esta cada vez mais extrapolando a disciplina em si e também o ambiente escolar e isso se deve ao fato de existir boas referências sobre o ensino contemporaneamente. Aos poucos, as novas concepções sobre a Arte estão demonstrando que a arte vai além de ser apenas leitura e representação, e compete a nós educadores buscarmos isso.

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino". (FREIRE, 1996, p.52)

Referências bibliográficas

ALTASI, Almir. *A Legislação e o Ensino de Artes na Educação Básica*. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/sala_relatos_artigo.php?id=581. Acesso em 07 de junho de 2012.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2012.

BARBOSA, Ana Mae (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Acervos Complementares: As Áreas do Conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental*. Ministério da Educação – Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: artes* – Brasília, 1997.

BRASIL, Lei nº 9394, de 20.12.96. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 07 de junho de 2012.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca. Um mergulho no brincar*. Aquariana, 2010.

FERRAZ, Heloísa C. Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. *Arte na Educação* (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral) – São Paulo: Cortez, 2001.

FILIPOUSK, Ana Mariza; KEHRWALD, Isabel Petry. *Educação Brasileira depois dos PCNs*..Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=101. Acesso em: 10 de junho de 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à Prática Educativa.- São Paulo: Paz e Terra. 1996.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *Vygostky e a criação artística infantil*. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/vygotsky_e_a_criacao.asp?f_id_artigo=267 - 108k. Acesso em 24 de agosto de 2012

LIS, Elza Aparecida Buenos. *Professor de Arte no século XXI*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/professor-de-arte-no-seculo-xxi/68299/>. Acesso em 20 de setembro de 2012.

PONTES, Gilvânia Mauricio Dias de. *Aspectos Históricos das Propostas Pedagógicas de Ensino de Arte*. Disponível em: http://www.gearte.ufrgs.br/producoes/producao_gilvania07.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2012.

SANTOMAURO, Beatriz. *O que ensinar em Arte*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=1>. Acesso em: 24 de setembro de 2012.

ZAGONEL, Bernadete. *Arte na Educação Escolar* (Metodologia do Ensino de Artes; v. 1) – Curitiba: Ibpx, 2008